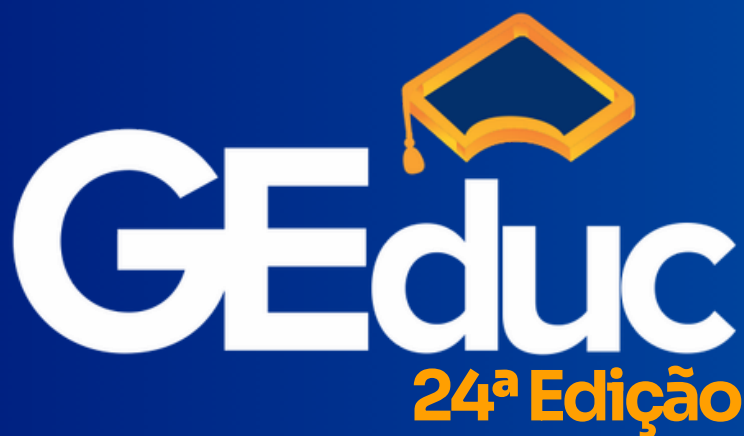


E-BOOK OFICIAL



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

**REFLEXÕES A PARTIR DOS
DEBATES QUE MARCARAM
O GEDUC 2026**

Realização:



Você está acessando o recorte dedicado à trilha **“Congresso Brasileiro de Gestão Educacional – Foco na Educação Básica”**, parte do e-book do GEduc 2026.

Este material reúne os principais pontos abordados nessa frente da programação, com reflexões, aprendizados e discussões que ajudam a aprofundar o olhar sobre o tema.

Para acompanhar a visão completa da edição, com os conteúdos das demais trilhas, fóruns e momentos que marcaram o congresso, acesse o e-book completo do GEduc 2026.

[CLIQUE AQUI E ACESSE](#)

Realização:



Reconhecido nacionalmente como o principal congresso de gestão educacional do Brasil, desde a sua 1ª edição, em 2003, o GEduc reúne os mais relevantes players da área para três dias de imersão que envolvem conteúdos de alto nível.

Ao longo de sua trajetória, o congresso se consolidou como um espaço de reflexão, atualização e conexão entre lideranças que atuam diretamente na construção dos rumos da educação brasileira. Em sua programação, são abordados temas estratégicos para escolas, instituições de ensino superior, mantenedores e gestores que buscam acompanhar as transformações do setor e tomar decisões cada vez mais alinhadas aos desafios contemporâneos.

Com palestrantes de renome, uma programação conectada às demandas reais e discussões voltadas aos desafios da gestão educacional, o GEduc se consolida como um encontro fundamental para gestores brasileiros que buscam atualização, visão estratégica e caminhos para fortalecer suas instituições.

Concomitante ao congresso, há uma Exposição com a participação de mais de 70 empresas que apresentam as últimas novidades em produtos e serviços educacionais.

Esse ambiente amplia a experiência dos participantes ao aproximar instituições de ensino de soluções, tecnologias e serviços que contribuem para a inovação, a eficiência da gestão e o fortalecimento das práticas educacionais.

O evento é promovido pela HUMUS, empresa que realiza capacitações para gestores de universidades e escolas, além de possuir soluções em consultoria e seleção de profissionais, serviços também exclusivos para o segmento educacional.

Com uma atuação dedicada ao desenvolvimento da gestão educacional, a HUMUS promove iniciativas que aproximam conhecimento, prática e especialistas do setor, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para os desafios da educação.

Organizadoras



Beatriz Fernandes

Publicitária, atua na área de comunicação e eventos da Humus Educação, diagramadora deste e-book.



Sonia Simões Colombo

Head de Conteúdo do GEduc. CEO da Humus e Presidente do Instituto ELA Educadoras do Brasil



Thalita Chrispim

Conselheira consultiva da área de Inteligência de Mercado do GEduc. Sócia e Gerente de Operações e Relacionamentos da Humus Educação.

Educadores Autores



Aparecida do Carmo Frigeri Berhior

Consultora associada da HUMUS para Gestão Acadêmica. Doutora e mestre em Letras, com mais de 20 anos de experiência na gestão e docência no ensino superior. Atua na implementação de matrizes de referência de currículos e avaliação por competências; gestão e processos acadêmicos; capacitação de docentes.



Adriano Thomaz

Gerente Executivo na UniSoma, Especialista em advanced analytics e modelagem matemática, lidera equipes multidisciplinares no desenvolvimento de algoritmos e soluções inteligentes para o setor educacional. Matemático de formação, com Doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp e Pós-doutorado no Canadá, combina rigor técnico com experiência executiva. Atuou em projetos de otimização no planejamento acadêmico integrado, de ofertas e alocação de recursos, de inteligência acadêmica e de gestão institucional. Curador do podcast DeepTalks sobre IA.

Educadores Autores



Carla Peron

Formada em Administração pela Faculdades Associadas de SP, especialização em Marketing pela ESPM e MBA pelo Insper, Carla Peron é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência no segmento educacional, atua em projetos de gestão de marca, comunicação integrada, reposicionamento e presença digital, contribuindo para que escolas fortaleçam sua identidade, comuniquem melhor seus diferenciais e ampliem sua relevância em um mercado cada vez mais competitivo.

Daniel Jaca

Formado em esporte, percebeu rapidamente que a atividade física era um caminho para o desenvolvimento socioemocional. Incomodado com o mundo, foi lá e tentou ajudar a melhorá-lo.

Denise Sawaia Tofik

Profissional com mais de 40 anos de experiência no ensino superior, com atuação em gestão acadêmica, docência e consultoria educacional. Especialista em regulação, qualidade e desenvolvimento institucional, com trajetória em posições de liderança e forte contribuição para a excelência e inovação na educação superior.

Fernanda Loyola

Mãe da Maria e da Leticia, e ama falar sobre relações humanas e os processos da maternagem na sociedade contemporânea. Olhar atento para o cuidado socioemocional dentro e fora da Electi.

Flávia Fernanda Costa

Doutora e mestre em Educação, com formação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela UFRGS, possui MBA em Gestão Educacional pela PUCRS e graduação em Pedagogia. Atua como Coordenadora Administrativa e Pedagógica do Ensino Médio no Colégio Israelita Brasileiro e é voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil. Ao longo de sua trajetória, foi Pró-Reitora de Graduação da UCS, onde criou o Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (CINTED), além de atuar em gestão acadêmica, docência no Ensino Superior e supervisão na Educação Básica. Foi avaliadora do MEC e possui certificação internacional Finlandesa - Innopeda Trainer, com atuação em iniciativas de inovação educacional e liderança feminina.

Educadores Autores



Hélder Pereira

Educador e especialista em inovação na aprendizagem, com mais de 20 anos de experiência no desenho e implementação de projetos educacionais. Sua atuação concentra-se em transformar o uso da tecnologia em experiências de aprendizagem com propósito e impacto real.



Imaculada Conceição Braga Campos

Mora em Belo Horizonte, Professora, Psicóloga, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Saúde Mental nas práticas Contemporâneas, Mestranda em Neuropsicologia. Possui sólida experiência na área da Educação e na Saúde Mental Clínica e Institucional. Atualmente trabalha com a Meta-Morfose Saúde Mental Preventiva para escolas e empresas, além de formação de equipes pedagógicas. Voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil e na SWE (Society Women's Engineer's do Brasil).



Luciane Pereira

Enfermeira, mestre e doutora em Gestão e Saúde pela USP, com mais de 30 anos de atuação na Educação Superior. Iniciou sua trajetória como docente na USP e, desde então, ocupou posições estratégicas como coordenadora, diretora de pós-graduação, pró-reitora acadêmica, vice-reitora e reitora em grandes universidades. Com especializações em Gestão Hospitalar pela FGV e em Neurociência e Psicologia Positiva pela PUC, tem como foco a liderança de projetos acadêmicos inovadores, o desenvolvimento de equipes de alta performance voltadas à aprendizagem significativa, à sustentabilidade e à entrega de resultados. Atualmente, coordena projetos no processo de implantação da Faculdade BP.



Mirella Scorza

Formada em Comunicação pela FAAP, com pós-graduação em Marketing pela ESPM, MBA em Administração pela FIA/USP e extensões em Comunicação Corporativa pela FGV e Marketing Digital pelo Insper, Mirella Scorza é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência, atua com foco em marketing estratégico, comunicação integrada, experiência do cliente, relacionamento e valorização de equipes, apoiando instituições de ensino na construção de posicionamentos mais claros, consistentes e sustentáveis.



Rui Fava

Com trajetória consolidada na gestão educacional, acadêmica e operacional, atua na construção de modelos e estratégias que conectam eficiência, qualidade e performance institucional. Sua experiência reúne planejamento estratégico, gestão de indicadores, desenvolvimento de equipes e implantação de projetos voltados à evolução das instituições de ensino. É doutor em Ciências da Educação, com formação também em Administração, Ciências Contábeis e MBA Executivo.

Educadores Autores



Sami Elia

Encontrou na escalada uma forma de viver suas paixões por esportes e pela natureza. Formado em administração, trabalhou como executivo no Citibank em diversas áreas, principalmente com planejamento estratégico. Guiado por sua paixão por iniciativas sociais, foi voluntário em diversos projetos sociais de educação que culminaram em uma transição de carreira para o segmento da educação socioemocional. Sócio Electi Educacional.



Futuros Educadores

Andressa Caroline Wendt da Cruz

Estudante do 7º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Francislene de Araujo Cordeiro Diogo

Estudante do 5º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Naxiane dos Santos da Silva

Estudante do 2º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Paloma Fregonesi Benedet

Estudante do 7º Semestre do curso de Pedagogia na FMU





Educação Básica em Desenvolvimento:

Engajamento, Avaliação, Internacionalização e Identidade Docente

Flávia Fernanda Costa

Apresentação

Vivemos um paradoxo educacional de proporções históricas. Nunca a humanidade teve tanto acesso ao conhecimento e, ao mesmo tempo, nunca a escola enfrentou tantas acusações de irrelevância. Estudantes apáticos, professores questionados em sua autoridade, famílias oscilando entre a omissão e o excesso de controle, inteligências artificiais que respondem em segundos o que levaria horas de pesquisa, tudo isso converge sobre a educação básica como uma tempestade de pressões simultâneas.

É nesse cenário que a trilha sobre Educação Básica, conduzida por Pablo Damaceno, se torna não apenas oportuna, mas urgente. Os quatro painéis que a compuseram percorreram, com rigor e profundidade, as dimensões que mais desafiam os gestores da educação básica contemporânea: como reacender o desejo de aprender em estudantes que já não precisam sair de casa para o mundo chegar até eles; como a internacionalização deixou de ser um diferencial de luxo e passou a ser requisito de formação cidadã; como a avaliação pode ser um instrumento de crescimento em vez de um mecanismo de punição; e, por fim, como os educadores precisam fortalecer sua identidade profissional diante de um cenário que os questiona e, em alguns casos, os hostiliza.

Para os gestores educacionais, essa trilha é estratégica porque toca nos nós mais sensíveis da gestão pedagógica: o engajamento dos estudantes depende de decisões institucionais sobre cultura, infraestrutura e formação de professores; a internacionalização exige posicionamento claro e projeto pedagógico intencional; a avaliação precisa ser redesenhada à luz das novas gerações; e a formação docente é a alavanca que move todas as outras dimensões. Ignorar qualquer um desses eixos é gerir a escola de costas para o futuro.

Da apatia ao protagonismo: o engajamento como projeto coletivo

A primeira palestra da trilha partiu de uma pergunta que qualquer gestor já se fez em algum momento: como convencer uma criança ou um adolescente a gostar do conhecimento em um tempo em que as telas oferecem dopamina imediata e o conhecimento exige esforço sustentado?

Rommel Domingos propôs uma reconfiguração do problema. Mais do que convencer individualmente cada estudante, trata-se de construir uma cultura escolar que torne o engajamento natural, esperado e desejado. O engajamento não é um estado espontâneo, é o resultado de um projeto.





Nesse sentido, o ponto de partida não está no aluno, mas na escola. O Projeto Político-Pedagógico foi apresentado como algo mais do que um documento burocrático: é o "passaporte para a viagem" a expressão de um compromisso coletivo com determinados valores, práticas e resultados. Quando o PPP é vivo, comunicado às famílias e encarnado pelos professores no cotidiano da sala de aula, ele se transforma em cultura. E é a cultura que sustenta o engajamento de longo prazo.

O palestrante organizou essa visão em uma perspectiva cíclica, composta por elementos interdependentes: a formação humana e cidadã, que garante que o estudante se sinta seguro e acolhido como pessoa inteira; as soluções pedagógicas, com materiais didáticos de curadoria criteriosa; a infraestrutura física, com ambientes que favorecem criatividade, coletividade e interação com o mundo; e, no centro de tudo, professores e estudantes como protagonistas de um pacto com a vida escolar.

Uma das reflexões mais provocativas da palestra diz respeito às diferentes fases da relação entre professores e sua vocação ao longo da carreira. Na educação infantil e nas séries iniciais, os professores amam ser professores. Nas séries finais do fundamental, amam o conhecimento que ensinam. No ensino médio, amam a si mesmos o que pode se traduzir em perda de conexão com os estudantes. Esse diagnóstico não é uma crítica, mas um convite à reflexão: que tipo de formação continuada e que tipo de gestão pedagógica pode reacender o amor pela docência em cada fase?

A conclusão é precisa: antes de correr atrás de índices de aprovação, é preciso garantir que os estudantes desejem estar na escola. A aprovação, quando vivida com alegria e significado, é consequência. Quando é apenas cobrança, é sofrimento.

Internacionalização na escola: estratégia para transformar a escola em uma porta de acesso ao mundo

O segundo painel trouxe quatro vozes para discutir um tema que vem ganhando espaço crescente nas pautas das escolas e que começa a se impor também no debate público: a internacionalização da educação básica.

Luciana de S. Bretano, Lara Crivelaro, Max Franco e Karina Nazzari foram desafiados a responder a uma pergunta direta: internacionalização é moda ou veio para ficar? A resposta foi categórica: é uma mudança estrutural e veio para ficar. No ensino superior, a mobilidade acadêmica e os indicadores de internacionalização já existem há décadas e são reconhecidos globalmente. Na Educação Básica, o Brasil começa com atraso histórico significativo em relação a outros países, tanto em programas bilíngues quanto em programas de mobilidade. Reconhecer esse atraso é o primeiro passo para superá-lo com intencionalidade.

Uma das contribuições mais relevantes do painel foi a distinção entre três modelos que frequentemente se confundem no mercado: escola internacional (com chancela e certificação de currículos de outros países), escola bilíngue (com estrutura curricular orientada para o domínio de dois idiomas) e escola com programa bilíngue (que insere o idioma como componente, sem necessariamente reestruturar o currículo).



Nomear essas diferenças é fundamental para que as escolas se posicionem claramente diante de seu público e traduzam esse posicionamento em projeto pedagógico.

Uma das tensões mais interessantes levantadas no debate foi esta: é possível internacionalizar sem ser bilíngue? A resposta dos palestrantes posiciona-se positivamente para a internacionalização do currículo sem ser bilíngue, mas como oportunidade de ampliar a perspectiva de cidadania global vai muito além do idioma. Ela pressupõe o desenvolvimento de competências interculturais, a capacidade de análise crítica de múltiplas perspectivas, o trabalho cooperativo e colaborativo, e a preparação para um mundo do trabalho que exige uma nova cidadania.

A interculturalidade foi apresentada como eixo transversal que precisa atravessar o currículo escolar não como um projeto isolado, mas como uma forma de estar no mundo. Para tanto, todos os que interagem com estudantes em uma escola com proposta de internacionalização precisam ser capacitados: professores, coordenadores, monitores, funcionários, considerando que a cultura precede a estrutura.

Diante da presença crescente da inteligência artificial, as palestrantes foram enfáticas: a IA é uma fonte de informação e conhecimento acessível, mas o diferencial humano está em ensinar a elaborar perguntas com precisão, desenvolver pensamento crítico e, sobretudo, a capacidade interpretativa. Domínio de idiomas, pensamento crítico e cooperação são as competências que nenhum algoritmo substitui.

"A internacionalização não é um adereço curricular — é uma forma de preparar estudantes para habitar um mundo que não espera fronteiras."

O encerramento do painel trouxe um chamado prático: antes de qualquer movimento de internacionalização, as escolas precisam realizar um diagnóstico honesto sobre o que já fazem, como organizam essas iniciativas e qual é, ou qual deveria ser a sua identidade institucional nesse campo.



Avaliação além da prova: métricas inteligentes e feedback que constroem aprendizagens

A terceira palestra, conduzida por Idelfranio Moreira, foi talvez a mais provocativa da trilha. A temática avaliação é tão antiga quanto a escola, mas raramente é tratado com a profundidade conceitual e neurocientífica que necessita.

A questão central que orientou a palestra foi: o que de fato o aluno precisa saber? E, a partir daí, como construir processos avaliativos com qualidade e coerência pedagógica que deem significado e consistência à avaliação, em vez de produzirem apenas classificação?

Uma das contribuições mais impactantes foi a análise do chamado "Paradoxo da Nota", fundamentado no estudo de Butler (1988). A pesquisa demonstrou que três grupos de alunos receberam feedbacks diferentes após uma tarefa: apenas nota, apenas comentário, e nota mais comentário. O resultado foi contraintuitivo: o grupo que recebeu apenas comentários teve melhor desempenho. A explicação para este resultado está no campo da neurociência. Quando o aluno recebe uma nota, sua atenção migra para a autoavaliação, e o comentário pedagógico simplesmente não é processado. Notas ativam o ego; comentários sem nota ativam o envolvimento cognitivo com a tarefa.

"Se a nota era boa, os alunos sentiam que não precisavam ler o comentário. Se era ruim, eles não queriam ler." — Paradoxo da Nota, Butler (1988)

Esse insight se conecta a outro conceito fundamental apresentado: a diferença entre avaliação orientada para a tarefa (task-involving) e avaliação orientada para o ego (ego-involving). Quando o foco está na tarefa, no processo de desenvolvimento cognitivo, nas estratégias utilizadas, no erro como objeto de aprendizagem, o estudante com alta habilidade experimenta domínio e crescimento; o com baixa habilidade experimenta esforço e resiliência. Quando o foco está no ego, a alta habilidade gera competição e comparação, e a baixa habilidade gera ansiedade e desistência.



O palestrante também apresentou a base histórica da tríade avaliativa : diagnóstica, formativa e somativa. Retomando os estudos de Scriven e Bloom (1967), Hastings e Madaus (1971) para mostrar que a "virada conceitual" da avaliação meramente classificatória para a avaliação como ferramenta de desenvolvimento do aluno tem mais de 50 anos. E ainda assim permanece como letra morta em muitos contextos escolares reais.

A neurociência do feedback foi outro importante abordagem da apresentação. O conceito de Reward Prediction Error (RPE), como mecanismo neural pelo qual neurônios dopaminérgicos atuam como detectores da diferença entre o resultado esperado e o resultado obtido, elucida por que o feedback precisa ser preciso, oportuno e orientado para a tarefa: é esse mecanismo que consolida a aprendizagem e reforça comportamentos de estudo.

Um aspecto fundamental e frequentemente negligenciado foi a dimensão geracional. Historicamente, o ser humano aprende com punição e a avaliação, nesse contexto, pode se transformar em mecanismo punitivo. A Geração X incorporou a rigidez e a cobrança como parte natural do processo. A Geração Alfa não está preparada para lidar com esse modelo. Ao mesmo tempo, os pais contemporâneos têm dificuldade crescente em manter exigência e cobrança e a escola acaba ocupando um lugar cada vez mais solitário nessa função.

Por fim, o palestrante trouxe um dado da OCDE que merece atenção especial dos gestores: pesquisas de monitoramento indicam que o nível de empatia do professor impacta diretamente os resultados em matemática. Mais do que metodologia, é o clima emocional da sala de aula que cria as condições para que a aprendizagem aconteça.

Formação docente em 3D: cultura da escola, competências e gestão do fazer pedagógico

A última palestra da trilha, conduzida por Débora Silva Vaz de Almeida, chegou ao palco com a força de um manifesto. Em um tempo em que pessoas sem formação pedagógica falam sobre escola, em que tecnologias são apresentadas como substitutos de professores e em que educadores são acusados de ineficiência e ineficácia, a palestrante propôs algo incomum: defender a escola, o professor e a função social da educação.

O ponto de partida foi a provocação de Masschelein e Simons, do livro *Em Defesa da Escola*: diante de tantas acusações, em que a escola é apontada como caquética, desatualizada, desinteressante, ineficaz e até violenta, o que se impõe não é apenas reformá-la, mas compreender o que ela é e o que ela faz de insubstituível.



A palestrante apresentou o "modelo escolar consolidado" não como algo ultrapassado, mas como uma construção histórica de enorme sofisticação: edifícios construídos especificamente para o aprendizado, onde estudantes de diferentes origens convivem em um tempo comum; professores com obrigação de ensinar o currículo; alunos avaliados em função do que foi ensinado. Essa estrutura, que muitos criticam como rígida, é, na perspectiva de António Nóvoa, uma conquista civilizatória que precisa ser compreendida antes de ser descartada.

"Já não chega denunciar, é preciso enunciar." — Edgar Morin

A provocação de Edgar Morin, trazida pela palestrante, foi certa: um sistema que é incapaz de tratar seus próprios problemas pode degradar-se ou suscitar um metassistema capaz de resolver o que ele não consegue. O provável é a desintegração. O improvável, mas possível, é a metamorfose. E é para a metamorfose, não para a destruição, que os educadores precisam trabalhar.

Mas o que seria essa metamorfose? A palestrante trouxe uma lista poderosa das funções da escola que deveríamos preservar: agência civilizatória de larga escala; responsável pela formação da capacidade de pensar e pesquisar; lugar de humanização, de aceitação das diferenças e de aprendizagem pela convivência; espaço público onde qualquer matéria se converte em bem comum. Em síntese, a escola existe para criar gerações que pensem, que se comuniquem, que saibam escrever, ler, criticar, propor, desenvolver o pensamento científico e tecnológico e que sejam motivadas e instrumentalizadas para manterem-se aprendendo.

Nesse contexto, a formação identitária do professor ganhou centralidade. Apoiando-se em Dubar (1997) e em Placco e Trevisan (2024), a palestrante descreveu a identidade docente como um processo de construção e desconstrução permanente uma tensão entre o que os outros dizem que somos e o que sentimos e pensamos que somos. É esse processo, muitas vezes silencioso e invisível, que determina se o professor se percebe como autor e protagonista de seu trabalho ou como executor de um roteiro imposto de fora.

Para planejar em tempos complexos, a palestrante propôs que os gestores se constituam como: leitores das marcas identitárias da escola e das tensões do cenário educacional; defensores do legado e organizadores das reflexões sobre mudança; responsáveis pela garantia da proposta de formação; e corresponsáveis pela implementação, transformação e reinvenção do projeto escolar.

Tendências em movimento

Ao longo das quatro palestras, algumas tendências emergiram com nitidez. A mais consistente delas é a centralidade do professor como variável insubstituível — não a tecnologia, nem o currículo ou a infraestrutura, mas o docente enquanto sujeito que constrói cultura, sustenta a presença e estabelece relações humanas que nenhuma inteligência artificial é capaz de reproduzir. Essa convergência atravessou todos os painéis, ainda que por caminhos distintos, apontando para uma mesma direção.

Outra tendência evidente é a crescente necessidade de intencionalidade pedagógica. Seja na internacionalização (que sem intencionalidade é apenas modismo), na avaliação (que sem coerência pedagógica é apenas classificação) ou no engajamento (que sem projeto coletivo é apenas desejo), o que se delineia é que o improvisado e a fragmentação não são mais toleráveis em um contexto de alta complexidade e alta exigência.

Houve também convergência clara sobre o papel da inteligência artificial: não como substituta da escola, mas como provocação para que a escola se concentre no que é especificamente humano, a capacidade de formular perguntas pertinentes, de interpretar criticamente, de cooperar com empatia e de criar significado. A IA não foi tratada com medo, mas como um espelho que reflete as insuficiências de um modelo escolar que ainda avalia memória quando deveria cultivar pensamento.

O principal alerta da trilha, porém, foi sobre o risco do discurso da substituição. Quando a narrativa dominante trata a escola como obsoleta e o professor como dispensável, produz-se um esvaziamento que não é apenas simbólico, é real, concreto, e afeta a autoestima docente, o clima institucional e, em última instância, a aprendizagem dos estudantes. Resistir a essa narrativa, com argumentos sólidos e projeto pedagógico robusto, é uma das tarefas mais urgentes da gestão educacional contemporânea.

Implicações Práticas para a Gestão Educacional

O que o gestor pode concretamente levar dessa trilha para o cotidiano de sua escola?

Em primeiro lugar, revisar o Projeto Político-Pedagógico não como exercício burocrático, mas como oportunidade de pacto coletivo com professores, famílias e estudantes. Um PPP vivo é o principal instrumento de construção de cultura escolar, e é a cultura que sustenta o engajamento.

Em segundo lugar, revisar os processos avaliativos da escola. Avaliar com qualidade pedagógica, diversificando instrumentos, construindo ciclos de feedback orientados para a tarefa, valorizando o erro como parte do processo e garantindo que a avaliação diagnóstica, formativa e somativa coexistam com intencionalidade e coerência. Nesse sentido, gestores precisam criar espaço e formação para que professores redesenhem suas práticas avaliativas.



Em terceiro lugar, posicionar a escola claramente diante da internacionalização. Isso não significa, necessariamente, criar um programa bilíngue, mas significa realizar um diagnóstico do que a escola já faz em termos de cidadania global, interculturalidade e preparação para o mundo do trabalho, e definir, com base nesse diagnóstico, qual caminho é coerente com seu público, seus valores e suas possibilidades.

Em quarto lugar, e talvez mais urgente, investir na formação e no fortalecimento identitário dos professores. O gestor que cuida da saúde institucional de sua escola precisa criar espaços de reflexão, reconhecimento e pertencimento para os docentes.

Considerações finais

Há uma afirmação de Edgar Morin que ressoa muito além das paredes de qualquer congresso: “Já não basta denunciar, é preciso enunciar.” Para os gestores educacionais que participaram dessa trilha, o convite é precisamente esse: deslocar-se do modo denúncia para o modo enunciação. O que queremos que a escola seja? Que tipo de formação consideramos insubstituível? Que tipo de professor desejamos cultivar?

A trilha de Educação Básica no GEduc 2026 não ofereceu respostas prontas; ofereceu perguntas mais precisas. E são perguntas bem formuladas que inauguram processos de transformação consistentes.

"A escola não precisa ser perfeita para ser transformadora. Precisa ser intencional."

Nesse sentido, o principal desdobramento analítico da trilha reside na compreensão de que a transformação educacional não se ancora em soluções externas ou imediatistas. A intencionalidade, articulada a projetos institucionais consistentes e a uma identidade docente fortalecida, configura-se como estratégia estruturante para enfrentar os desafios contemporâneos da educação básica. Mais do que responder a demandas conjunturais, trata-se de sustentar, no tempo, uma visão de formação capaz de orientar decisões, práticas e relações no interior das instituições educativas.



Um quarto de século desenhando o futuro da educação.

O GEduc 2026 foi uma edição marcada por dias intensos de troca, reflexão e conexão entre lideranças comprometidas com o futuro da educação. Cada debate, encontro e experiência reafirmou a força de um congresso que acompanha, há mais de duas décadas, as transformações da gestão educacional no Brasil.

Com o encerramento deste ciclo, abrimos caminho para um marco histórico: em 2027, o GEduc completa 25 anos.

Será o Jubileu de Prata do principal congresso de gestão educacional do país, uma edição comemorativa que celebrará a trajetória construída até aqui e apontará para os próximos caminhos da educação.

Estamos preparando uma experiência especial, em que tradição, inovação, liderança e futuro se encontram para marcar a história do GEduc e de todos que fazem parte dela.

Prepare-se para viver uma edição histórica.

Garanta sua participação no GEduc 25 anos com
25% de desconto utilizando o cupom **"EBOOK25"**

[CLIQUE AQUI E INSCREVA-SE](#)